

INSCRIÇÕES POÉTICAS: MATERNIDADES

[sem título]

Ela ensaia uma cambalhota
e como quem desfaz um nó
me convida a rir
de seu movimento desajeitado

Nos olhamos
com a cumplicidade festiva de corações que já animaram um mesmo corpo
e agora buscam
cada um
a sua toada

Ela respira
E retraça a rota
para nova tentativa

VIVA!

[grito meu serpenteia o céu da sala]

Abrigadas no tempo dos começos
Por um instante
Fazemos pouco da morte
que,
dona das ruas,
nos espia pela janela.

Fabiana Carneiro da Silva

Neta de Amada e de Quitéria, filha de Lourdes, mãe de Imani. Tece um caminho que alinhava docência, pesquisa e ações artísticas no campo dos saberes contra-hegemônicos, sobretudo a partir do eixo constituído por literatura, corpo e experiência comunitária. Doutora e mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), atua como professora adjunta no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Concebeu e codirige a série Literatura inteira e o projeto artístico Mulher meio-fio. Coordena o projeto Tessituras Negras: ateliê de leituras literárias e práticas pedagógicas. Foi professora na rede básica de ensino e em projetos sociais, âmbito no qual destaca a proposição de oficinas de escrita autobiográfica para/com mulheres quilombolas. É membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER-UFSB), integra o Grupo de Pesquisa Sobre o corpo feminino - literaturas africanas e afro-brasileira (UNILAB-CE) e o grupo de pesquisa ALDEIA: Núcleo de pesquisas afro-brasileiras em Artes, Tradições e Ensinagens na Diáspora (UFSB). Autora do livro Ominíbú: maternidade negra em Um Defeito de Cor (EDUFBA, 2019). Desenvolve estudo sobre a produção artística negro-brasileira, sobretudo literária, dedicando-se à análise dessas poéticas e à formulação de práticas de ensino a partir delas. E-mail: fabicarneirodasilva@yahoo.com.br

Umbigo

Como quem faz carinho
Em sua bisavó
Minha filha toca
Esse coração aberto
No centro do meu corpo-terra

Umbigo

Em idioma antigo
me grafa enredos
Que apenas a palma

da mãozinha dela
sabe ler

me lavra sonhos
Que quiçá a palma

da mãozinha dela
poderá colher

Eu Cariri

Aquela minha bisavó
De quem não vi retrato
De quem não ouvi relato
E muito menos documentação

Abriu no tempo
Uma picada
E me entregou um mapa

Todo ali o Cariri

Caninana, a minha dança
Semente-juá, meu olhar
Pequizeiro-em-flor, o coração
E língua essa é romaria-multidão

Dia após dia,
contra a queda do céu
aquela minha bisavó
me encontra
mas não me diz quem eu sou
Ela me olha
e na certeza de que eu sei quem ela é
me investe de esperança
sentida
feito chuva em mata seca

Recebido em 21/03/2021.

Aceito em 20/06/2021.